

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO

O PASSAPORTE PARA A POESIA N' A ARCA DE NOÉ, DE VINÍCIUS DE MORAES

Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo¹

RESUMO

Neste texto, analisamos a obra infantil *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, considerando os recursos utilizados pelo poeta na representação do universo da infância. Constatamos que esta é tratada de forma criativa em textos lúdicos que partem da personificação de animais para dialogarem com o mito bíblico e com a tradição das fábulas, tão ao gosto do leitor infantil. O autor simula as experiências e emoções infantis sem simplificá-las, através de poemas cuja linguagem simples e coloquial aproximam o leitor do texto.

Palavras-chave: Infância. Poesia. Leitura

A trajetória percorrida pela literatura infantil, das suas origens até nossos dias, foi marcada por interesses ligados à doutrinação e à informação de valores e códigos da cultura tradicional, sempre prontos a reforçar o autoritarismo dos adultos sobre os pequenos. Escrever para crianças foi, e tem sido até hoje, em alguns casos, uma forma de mantê-las dentro de um molde social pré-estabelecido, desconsiderando sua capacidade de leitor exigente apto a sentir-se emancipado diante de uma produção literária de qualidade. A poesia é a forma literária que acompanha a criança há mais tempo. Ela já estava presente nas cantigas de ninar, nos jogos de palavras e nas canções folclóricas. Porém, mesmo possuindo uma origem nobre, a poesia infantil já trazia marcas do pedagogismo que a condenou ao título de subliteratura, quando passou a ser produzida em larga escala pela indústria cultural burguesa.

No Brasil, como de resto em outras partes do mundo, houve e há momentos em que alguns autores salvaram a poesia infantil da tarefa de educar, reservando-lhe o espaço do lúdico e do prazer. Nosso foco neste ensaio recai sobre um desses exemplares, a coletânea de poemas infantis **A arca de Noé** (1994), escrita por Vinicius de Moraes, o “poetinha” que, habitando o universo dos sonetos de amor, incursionou pela poesia infantil e ofereceu às crianças o passaporte para a viagem ao mundo da arte literária. Procuramos rastrear os traços qualitativos da produção infantil de Vinicius, fazendo um percurso que contempla, primeiramente, a observação dos elementos que motivaram o poeta na criação dos textos e, a seguir, a análise dos traços que marcaram as “nursery stories” e que se encontram nos poemas de **A arca de Noé**.

Trata-se de uma coletânea formada por trinta e dois poemas, todos eles posteriormente musicados por parceiros de Vinicius de Moraes. Como nosso interesse diz respeito aos poemas propriamente ditos, não ousaremos uma aventura na análise do seu casamento com a música. Dessa forma, ao percorrermos a distribuição, constatamos que vinte e quatro poemas tem animais como personagens, quatro personificam objetos e um fenômeno natural, e três são dedicados a pessoas. O predomínio de poemas sobre animais já nos remete ao leitor infantil, uma vez que há uma total identificação deste com alguns clássicos personagens da fauna. Justamente por isso, o poema que abre o livro é *A arca de Noé*, baseado na exemplar passagem bíblica em que os animais são salvos pelo patriarca com o intuito de repovoar a terra após o castigo divino. A partir da história de Noé e sua turma, os animais vão sendo individualizados em poemas curtos, com suas características e peculiaridades reforçadas e até mesmo exageradas. O mesmo acontece com os objetos e o “ar”, que são elevados a um grau de importância típico da visão detalhista que a criança tem acerca do mundo que a rodeia. A substantivação dos títulos, bem como o uso frequente de adjetivos e diminutivos, são outros fatores de identificação do leitor infantil. Suscintamente assim agrupados, são estes alguns dos recursos utilizados pelo poeta, com o intuito de conquistar os infantes. Segundo Magalhães (1987), eles podem levar à formação

de conceitos que permitem o desenvolvimento do pensamento infantil: observar, experimentar, imitar, imaginar, falar, ouvir poemas e, finalmente, ler histórias são algumas das formas mais importantes de ampliar conceitos. Portanto, o contato com a literatura pode se converter numa maneira de a criança assimilar o exterior, desenvolvendo-se.

Por outro lado, se aprofundamos nossa análise sobre o processo de criação dos poemas, percebemos que há uma certa uniformidade nos elementos que motivaram o poeta e que ela diz respeito a determinados aspectos que envolvem o sujeito criador, oriundos do "mundo da poesia". Ao procurar definir poesia e poema, Lyra (1986) afirma que os seres, objetos e situações que provocam o sujeito são os que transitam do mundo para o espírito do homem, fazendo nascer a poesia e a sua consequente concretização no poema. Esses aspectos derivariam de três categorias fundamentais da existência que podem motivar o poeta positiva ou negativamente: a duração, a aparência e a magnitude. O aspecto que talvez mais tenha predominado o poeta na criação dos poemas aqui citados, seja o da magnitude, quer pela inevitável assimetria que o afasta do mundo infantil, quer pela vontade de reproduzir a já mencionada visão detalhista da criança. Exemplo disso são os poemas *A formiga* e *O leão*, em que o aspecto positivo da pequenez é ressaltado no primeiro e a impressão de grandeza e força, no segundo:

As coisas devem ser bem grandes
pra formiga pequenina
A rosa, um lindo palácio
E o espinho, uma espada fina.

Nesse caso, o poeta está abrindo caminho para que a criança entre no texto, uma vez que prestigia, no primeiro poema, o pequeno tamanho da formiga, e, no segundo, a força e a audácia que a criança sonha ter. O aspecto da aparência também está presente em alguns poemas d'**A arca de Noé**, sinalizando a intenção do poeta em reproduzir o interesse infantil pelo que é feio ou pelo que é bonito na mesma proporção. Vejamos estes trechos em que a feiúra da corujinha é vista de forma positiva:

Corujinha, corujinha
 Que peninha de você
 Fica toda encolhidinha
 Sempre olhando, não sei quê.

O seu canto de repente
 Faz a gente estremecer
 Corujinha, pobrezinha
 Todo mundo que te vê
 Diz assim, ah! coitadinha
 Que feinha que é você.

Os efeitos do contato do homem com o belo e o feio tendem a ser os mesmos: o belo produz uma sensação de prazer; o feio, de terror. Na visão relativista da criança, no entanto, esse absolutismo se esvai e o feio pode se tornar atraente, instigante.

Por fim, ainda observamos que o aspecto da duração, da novidade melhor dizendo, atrai o poeta e o motiva a manifestar sua simpatia pelo novo, bem como sua preocupação em preservar tudo de bom que a juventude acarreta. Nesse aspecto, o eu-lírico apresenta uma perspectiva adulta ao procurar reter um tempo que para ele já passou, dificultando a identificação entre o leitor infantil e o eu-lírico. Caberá, então, aos vocativos, promover essa aproximação. É o que podemos constatar no trecho abaixo:

Menininha do meu coração
 Eu só quero você
 A três palmos do chão
 Menininha não cresça mais não
 Fique pequeninha na minha canção
 Senhorinha levada
 Batendo palminha
 Fingindo assustada
 Do bicho-papão.

Feitas essas observações sobre os aspectos que provocam e levam o poeta a uma atitude estética de criação, passamos a abordar os traços pertinentes à poesia infantil que podem ser encontrados n'**A arca de Noé**. Sabemos que a criança percebe o mundo de forma emocional e globalizante e que, por esse motivo, a

linguagem condensada e emotiva, com ênfase no todo e não nas partes, característica da poesia, a emociona e cativa. Nos poemas aqui estudados, as imagens poéticas são econômicas e enriquecedoras, pois, fundindo elementos diferentes, elas conservam suas características próprias e acrescentam-lhes novas significações. Como não visam à verdade, os poemas dizem o que poderia ser, transfiguram a realidade. Não se trata de redução ou empobrecimento, mas sim de um enfoque diferente, singular. Mesmo possuindo um tom narrativo, os poemas de Vinícius são curtos, de estrofes pequenas, com versos recheados de emoções densas. A percepção dos animais, seja pelo seu lado físico ou emocional, acontece por detalhes, por partes que valem pelo todo.

Sabemos que, na poesia infantil, o que aproxima o "eu" que compõe (adulto) do "eu" que lê (criança) são variados recursos poéticos. Um dos mais freqüentes n'**A arca de Noé** é a transgressão de normas racionais, criando uma nova lógica que se aproxima do "ilogismo" infantil. Exemplos disso são o medo que o elefantinho tem do passarinho, os preparativos do funeral do pintainho pelos mais diversos animais ou a recusa do pintinho em se manter dentro da sua casca.

Ao fazer essa viagem "ilógica", o leitor criança vê, na poesia de Vinícius, uma possibilidade de escapar do imperialismo adulto. Nela a palavra está voltada para a coisa em si, deixando de **representar** para **apresentar**. No poema *As abelhas*, por exemplo, a repetição das vogais nas palavras são o próprio zumbido da abelha, são a sua personificação. O leitor fica, então, muito próximo da coisa sobre a qual se fala; a palavra é o próprio animal. O poema nasce da palavra, mas a transpassa, vai além dela. Assim é eliminada a distância entre o "eu" e o objeto. A palavra se torna mágica, pois começa a ser o objeto em si, singularizado. Aliada a esse fenômeno está a presentificação das coisas, ou seja, não tendo noção de tempo, a criança é atraída pelo ato de reviver do poema: as abelhas zunem no momento presente, no agora, no seu ato de leitura e não no perigo futuro ou na lembrança passada.

Uma outra característica importante da poesia infantil de Vinícius é a presença da ideia de opção e exclusão que impera no pensamento da criança e que reforça a sua visão globalizante e simultânea. O tempo cronológico inexistente nos poemas e as

situações são vividas simultaneamente. Encontramos, então, inúmeras construções paralelísticas, bem como diversas estrofes dísticas surgidas como opções que, na verdade, fazem a ideia circundar sobre si mesma. O uso de sujeitos impessoais (com verbos na terceira pessoa), intercalado com o uso da primeira pessoa, mostra também a simultaneidade: a terceira pessoa revela um afastamento, o momento anterior à opção, enquanto a primeira se particulariza e assume a ação diretamente. O poema *O pintinho* exemplifica com precisão o uso dos dois sujeitos, bem como das construções paralelísticas; é um poema circundante que remete à própria forma do ovo (novamente a palavra *é* a própria coisa): a voz conselheira envolve o pintinho, buscando convencê-lo e protegê-lo através das repetições.

Pintinho novo
 Pintinho tonto
 Não estás no ponto
 Volta pro ovo
 Eu não me calo
 Falo de novo
 Não banque o galo
 Volta pro ovo
 A tia raposa

Não marca touca
 Tá só te olhando
 Com água na boca
 E se ligeiro você escapar
 Tem um granjeiro
 Que vai te adotar

O meu ovo está estreitinho
 Já me sinto um galetinho
 Já posso sair sozinho
 Eu já sou dono de mim
 Vou ciscar pela cidade
 Grão-de-bico em quantidade
 Muito milho e liberdade
 Por fim

Pintinho raro
 Pintinho novo
 Tá tudo caro
 Volta pro ovo
 E o tempo inteiro
 Terás pintinho
 Um cozinheiro
 No teu caminho

Por isso eu digo
E falo de novo
Pintinho amigo
Então volta pro ovo
Se de repente você escapar
Num forno quente você vai parar

Gosto muito dessa vida
Ensopada ou cozida
Até assada é divertida
Com salada e aipim
Tudo lindo, a vida é bela
Mesmo sendo à cabidela
Pois será numa panela
Meu fim

Por isso eu digo
E falo de novo
Pintinho amigo
Então volta pro ovo
E se ligeiro você escapar
Tem um granjeiro
Que vai te adotar

A união da palavra com a coisa revela uma volta ao nível natural, à infância. Nessa aproximação, a linguagem passa a ser utilizada de forma lúdica e humorística, preenchendo os vazios que também estão presentes no pensamento da criança.

Segundo Magalhães (1987), a atividade lúdica se manifesta com força na infância; ela tem uma função útil, prática, por isso vai sendo abandonada (em direção a uma visão prática imposta pela sociedade). O jogo explora o mundo pelo desejo e não pela necessidade. Ao encenar o que não pode ser realizado na realidade, o jogo adquire um valor emotivo para a criança. Além disso, a criança joga por jogar, sem pensar, mas isso atinge uma generalização do afeto: a criança repete experiências agradáveis, altera as desagradáveis para com elas se adaptar. O conhecidíssimo poema *A casa*, por exemplo, joga com o absurdo, o concreto e o vazio, como se a criança tivesse que compor "a casa" no seu próprio pensamento, e somente aí ela existisse.

O uso de temas relativos à natureza, bichos, objetos do cotidiano, situações rotineiras, corroboram nesse retorno ao mítico, à origem, à primeira idade. Tal

viagem também ajuda a resolver situações e fatos emocionalmente difíceis para os pequenos, como o medo, a morte, a aceitação de si mesmo etc.

Os poemas d'**A arca de Noé** são extremamente sonoros, com a utilização de recursos onomatopaicos, bem como de diversos refrões que enfatizam contrastes ou características, produzindo um ritmo encantatório para os leitores infantis. Os objetos e animais saem da ilusão e se materializam pelo uso excessivo de substantivos concretos nomeando seres e coisas do mundo natural. Além disso, o poeta enfatiza a adjetivação e o uso de diminutivos, exagerando as aparências e criando situações engraçadas, bem ao gosto da criança.

Cabe, no entanto, salientar, que há também muito lirismo nos textos d'**A arca de Noé**. A diversão e a surpresa estão, muitas vezes, ligadas a fortes emoções. É nesse ponto que o poeta consegue os melhores efeitos emancipatórios do leitor infantil. Brincando com as emoções, exagerando ou minimizando seus efeitos, ele faz com que a criança amplie sua visão acerca de situações cotidianas que vive ou terá de vivenciar. É o caso do texto *O filho que eu quero ter* que, pela sua forte carga lírica, representa um dos poucos textos do livro que fogem à personificação de bichos e coisas, parecendo-nos ser um momento em que a assimetria entre emissor/adulto e receptor/criança está mais evidente. O texto apresenta um eu-lírico explicitamente adulto, voltado para o desejo de retorno à infância. Diz o poeta:

É comum a gente sonhar, eu sei
Quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar
Um sonho lindo de morrer
Vejo um berço e nele eu me debruçar
Com o pranto a me correr
E assim chorando acalantar
O filho que eu quero ter.

Dorme, meu pequenininho
Dorme, que a noite já vem
Teu pai está muito sozinho
De tanto amor que ele tem.

De repente o vejo se transformar
Num menino igual a mim
Que vem correndo me beijar

Quando eu chegar lá de onde eu vim
 Um menino sempre a me perguntar
 Um porquê que não tem fim
 Um filho a quem só queira bem
 E a quem só diga sim.

Dorme, menino levado
 Dorme, que a vida já vem
 Teu pai está muito cansado
 De tanta dor que ele tem.

Quando a vida enfim me quiser levar
 Pelo tanto que me deu
 Sentir-lhe a barba me roçar
 No derradeiro beijo seu
 E ao sentir sua mão também vedar
 Meu olhar dos olhos seus
 Ouvir-lhe a voz a me embalar
 Num acalanto de adeus
 Dorme, meu pai sem cuidado
 Dorme, que ao entardecer
 Teu filho sonha acordado
 Com o filho que ele quer ter.

A rima é predominantemente intercalada, com misturas que servem para reforçar alguns destaques que o poeta quer fazer, novamente, no nível semântico. É o caso do verso 19, "Um filho a quem só queira bem", na terceira estrofe, onde se situa a carga significativa do poema: a ideia de amor que deve ligar pai e filho, de união, de carinho. O ritmo do texto, no entanto, apesar de algumas quebras, é simétrico, pois predomina, por exemplo, nas estrofes longas, de tom narrativo, versos octassílabos e redondilhas maiores. Já nos quartetos, introduzidos por imperativos que se repetem, os versos são mais curtos, predominando apenas as redondilhas maiores. Quanto à sonoridade, percebemos que há, no primeiro verso, uma ênfase no que é dito ao seu final: "É comum a gente sonhar, eu sei "

Essa expressão está assim destacada porque marca dois aspectos importantes do poema: o domínio do eu-lírico sobre a narração, sobre suas emoções e vivências, e o tom intimista, reflexivo, do texto. O "eu" é sujeito absoluto ao longo dos versos, levando o leitor a percorrer junto com ele suas reflexões acerca do filho sonhado, acerca, enfim, de uma relação idealizada que, por não existir, provoca solidão e dor. O filho é o objeto do desejo desse "eu" protagonista, e sua ausência

(ele está presente apenas no sonho, e o narrador sabe disso) é compensada pelos imperativos e vocativos dos quartetos, cortantes do fluxo narrativo que envolve o sonho, como se o poeta tentasse consolar a si mesmo.

Ao nível das famílias semânticas presentes no poema, chama a atenção o grande número de verbos no infinitivo, encontrados especialmente nas estrofes longas ("sonhar", "morrer", "debruçar", "acalantar", "transformar", "perguntar" etc) que se equivalem por representar as ações que não se concretizam em tempo algum, em pessoa alguma, habitantes, portanto, do sonho, do desejo. Toda essa busca resulta num movimento circular em relação ao eu-lírico, que vai se transformando, ao longo do poema, e fundindo numa só pessoa "eu", "filho", "pequeninho", "pai", "menino", "ele". O pai imagina o filho que quer ter transformado no pai que ele quer ser: eu=ele. O "pequeninho", o "menino levado" dos dois primeiros quartetos transformam-se em "pai sem cuidado" na última estrofe, da mesma forma que "teu pai" metamorfoseia-se em "teu filho". O verso 30 desnuda essa transformação, quando diz : "Meu olhar dos olhos teus".

O desejo de ser pai, de se ver em alguém, de permanecer, enfim, noutra geração, aprisiona o eu-lírico em momentos de solidão e dor, por isso ele só resolve esse desejo através do sonho que chega com a maturidade, com o "entardecer", com a "noite", com a "vida".

Como já dissemos anteriormente, *O filho que eu quero ter* é um poema fundamentalmente lírico e, dentro do conjunto de textos que compõem o livro, é aquele em que a assimetria entre emissor e receptor se faz mais nítida. Trata-se de um poema narrativo, em que o narrador conta um sonho, através de inúmeras passagens carregadas de emoção e imagens. Nele, o adulto está plenamente presente nos anseios e frustrações que só chegam com a maturidade. A vontade de fechar o ciclo da vida, vendo-se no próprio filho, é também a vontade de retornar à infância ("Num menino igual a mim", verso 14; "Quando eu chegar lá de onde eu vim", verso 16) , explicável, talvez, pelo fato deste poema ter sido escrito em 1974, no início da produção infantil de Vinícius de Moraes. O poeta, atento à infância,

desejou, na verdade, voltar a ela. Tanto que o título do poema poderia ser "O filho que eu quero **ser**".

Disso tudo, podemos concluir que sobra pouco com que o leitor infantil se identifique nesse poema. É verdade que a criança é chamada ao texto, especialmente nos vocativos que procedem a forma imperativa "dorme", que, aliás, por si só, remete à tradicional ordem balbuciada pelos pais ao pé da cama. Da mesma forma, "Meu pequenininho" e "menino levado" solicitam sua atenção por serem formas carinhosas de se dirigir aos pequenos, e também porque aparecem no texto após a clássica recomendação paterna. No entanto, podemos dizer que apenas nestes aspectos que teremos uma identificação da criança com o poema. No todo, as imagens de frustração, de cansaço e de solidão com que o poeta trabalha estão além do mundo infantil, fazendo com que o pequeno leitor tenha dificuldade em entendê-las. A própria noção da velhice, seguida da morte, vem mascarada por imagens que o infante provavelmente não consiga assimilar.

Sendo assim, o poema poderá ser emancipatório, na medida em que a criança conseguir perceber o ciclo vital referido pelo poeta, em que se der conta, enfim, que pai e filho, adulto e criança, são faces de uma mesma moeda, o que, convenhamos, pode ser uma conclusão a que só crianças com um bom histórico de leituras conseguirá chegar. Afinal, viver, para elas, como já vimos ao longo deste texto, é só o presente, o agora; essa ideia de "ser é ter sido" não lhe diz respeito.

Nesse sentido, há um outro texto na coletânea que, da mesma forma, possui esse tom existencialista. *Menininha*, poema já citado, também guarda questionamentos adultos. Porém, no seu caso, o poeta consegue chamar a criança para o texto de forma mais clara e freqüente. O uso de diminutivos em grande número não chegam a imbecilizar a criança, mas fazem a identificação entre a menininha e as crianças pequenas que batem palminhas e têm medo do bicho-papão. O poeta aprisiona agora a infância, não num sonho melancólico, mas numa canção. Além disso, o poema é emancipatório para a criança que descobre que, segundo as palavras do texto, não existe o bicho-papão e que a desilusão e o medo fazem parte da vida. Ou seja, ainda que o eu-lírico revele uma certa nostalgia pela

infância e queira guardá-la em si, ele cria um texto lúdico com o qual os leitores vão se divertir. As nasalizações dos diminutivos e as aliterações das consoantes "m ", seguidas pelo ditongo "ão", ao final das primeiras estrofes, revelam um jogo atrativo entre o pequeno e o grande, entre a proteção e o risco.

Em **A Arca de Noé**, enfim, encontramos poemas em que a infância é tratada de formas distintas. Vinícius de Moraes reuniu textos lúdicos que produzem prazer físico, emocional e racional à criança, simulando as diversas experiências do mundo. O eu-lírico assume uma perspectiva infantil, presa a detalhes e marcada por um ritmo intenso, altamente sonoro e icônico. Sua linguagem é simples, coloquial, com uso e abuso de diminutivos e onomatopéias que aproximam o leitor do texto.

A presença do absurdo, do inusitado, do cômico vincula sua poesia à tradição literária infantil da fábula. Só que, ao contrário desta, os seus textos não são moralizantes. Mesmo quando o eu-lírico ensina, ele não é didatista, o que compensa a inevitável assimetria que o afasta da criança. Vinícius consegue voltar-se para a criança sem ser superior, privilegiando sua emoção, seu desejo de rir, de brincar e de desfazer a lógica adulta, emancipando, finalmente, a criança. Ainda que não ouse muito e que limite o pequeno leitor ao seu mundo infantil, tratando superficialmente temas polêmicos como a morte, a leitura dos poemas permite à criança vivências emocionais e cognitivas que a preparam para leituras mais maduras, para a "grande poesia".

THE PASSPORT TO POETRY N 'NOAH'S ARK, FROM VINICIUS DE MORAES

ABSTRACT

In this text, we analyze the child work *A Arca de Noé*, by Vinícius de Moraes, considering the resources used by the poet in the representation of the universe of childhood. We contacted that this is dealt with creatively in playful texts that depart

from the personification of animals to talk with the biblical myth and the tradition of Fables, so the taste of the child reader. The author simulates children's experiences and emotions without simplify them through poems whose simple language and colloquial approach the reader of the text.

Keywords: Childhood. Poetry. Reading.

Nota

- ¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (1989), estrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003).

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, LÍgia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.

LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática, 1986.

MORAES, Vinícius. *A arca de Noé*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.